

Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

AS DUAS FASES DE OCUPAÇÃO DO TÚMULO DE CÚPULA DO MONTE DO OUTEIRO, NOS ARREDORES DE ALJUSTREL.

SCHUBART, Hermanfrid

Ano: 1965 | Número: 75

Como citar este documento:

SCHUBART, Hermanfrid, As Duas fases de ocupação do túmulo de cúpula do monte do Outeiro, nos arredores de Aljustrel. *Revista de Guimarães*, 75 Jan.-Dez. 1965, p. 195-204.

Casa de Sarmiento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51

4800-432 Guimarães

E-mail: geral@csarmiento.uminho.pt

URL: www.csarmiento.uminho.pt



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

As duas fases de ocupação do túmulo de cúpula do Monte do Outeiro, nos arredores de Aljustrel (*)

Pelo Prof. Dr. HERMANFRID SCHUBART
do Instituto Arqueológico Alemão de Madrid

Em Abril de 1961 foi explorado pelos Srs. Abel Viana, O. da Veiga Ferreira e R. Freire de Andrade, um túmulo de cúpula na Herdade do Monte do Outeiro. Os resultados a que essas escavações conduziram já foram em parte publicados nesta Revista por aqueles arqueólogos (1).

O túmulo fica situado a 4 km. a Nordeste de Aljustrel, a Oeste da estrada que liga essa localidade a Beja, e a cerca de 1,5 km. a Norte de Ponte do Roxo. A cons-

(1) A. Viana, O. da Veiga Ferreira e R. Freire de Andrade, «Um túmulo de tipo alcalarense nos arredores de Aljustrel», *Revista de Guimarães*, 1961, vol. LXXI, pp. 247 ss.

(*) *Nota da Redacção.* Este artigo do Sr. Prof. Dr. Hermanfrid Schubart, da Delegação madrilenha do Instituto Arqueológico Alemão, pode considerar-se como que um aditamento ou comentário ao trabalho sobre o mesmo assunto publicado no Vol. LXXI (1961), a pp. 247 ss. desta Revista, pelos arqueólogos Srs. Abel Viana, Octávio da Veiga Ferreira e Rui Freire de Andrade, intitulado «Um túmulo de tipo alcalarense nos arredores de Aljustrel». O texto do artigo que, por amável deferência do Sr. Prof. Schubart, hoje inserimos no presente volume da nossa Revista foi-nos enviado em língua alemã; e, para comodidade dos leitores que desconheçam esse idioma, obsequiosamente o verteu para português o Sr. Dr. Ing. Eduardo Silva, ilustre sócio correspondente da Sociedade Martins Sarmento e antigo Prof. Assistente da Escola Superior Técnica de Karlsruhe (Alemanha).

trução tumular foi descoberta casualmente pelo dono da herdade, Sr. Manuel Francisco Rodrigues Costa Correia, que, ao utilizar um tractor, atingiu e deslocou parcialmente as lajes superiores da abóbada. Quando aqueles investigadores chegaram ao local, já o fecho da cúpula e o começo da galeria ou corredor estavam muito danificados. A escavação dirigida pelos três citados estudiosos revelou vários pormenores da construção do monumento, bem como acerca da forma dos enterramentos nele praticados (1).

A câmara deste túmulo de cúpula apresenta uma planta de traçado circular, cujo diâmetro oscila entre 3 m. e 3,20 m., e é constituída por trinta lajes colocadas verticalmente, que formam a parede, de pórfiro e de grauwaque, as quais apresentam em média a altura de 70 a 80 cm. (algumas, no máximo, de 1 m.), por 40 cm. de largura (*Est. I*).

A abóbada, do tipo conhecido pela designação de «falsa cúpula», é formada por pequenas placas de xisto avançando progressivamente para o interior. A galeria ou corredor tem uma largura de 50 a 60 cm., e 6 m. de comprimento, orientada na direcção Oeste, desde a câmara até à parede que circunda o grande cômodo ou mamoa, com cerca de 15 m. de diâmetro. Nesta galeria não foram encontrados quaisquer vestígios de enterramentos, parecendo aliás que não seria possível praticá-los nessa parte da edificação, em vista da sua acanhada largura.

Os pesquisadores descobriram no monumento tumular dois agrupamentos distintos de jazidas, um dos quais, colocado na parte superior da câmara, foi encontrado logo a 80 cm. abaixo da superfície. Tratava-se de enterramentos de vários cadáveres, confirmados pela grande quantidade de restos ósseos, cujo precário estado certamente não permitiu qualquer estudo posterior. Os corpos estavam sepultados em toda a roda da cúpula, ao que parece com as cabeças dirigidas para o centro e os pés para a parede. Todos os esqueletos se encontravam estendidos de lado. Junto de cada jazida tinham sido colo-

(1) Sobre este ponto e noutros pormenores ver também Vera Leisner, *Die Megalithgräber der Iberischen Halbinsel. Der Westen*. Madrider Forschungen, Berlin 1965, Vol. 1/3, pp. 150 ss. e *Est.* 127-129; 144, 1; 145, 1 e 2.

cados, como oferendas, dois vasos de barro, e perto da que foi descoberta em último lugar, havia, segundo me informaram, duas pontas de lança de ferro e uma ponta de cobre.

O outro grupo de jazidas encontrava-se situado ao nível da base da câmara, e junto à entrada da mesma. A avaliar pela coloração cinzenta do solo nesse lugar, calculou-se que ali tivessem sido colocados pelo menos uns seis cadáveres. O monumento tumular deve ter sido especialmente construído para a inumação dos mortos deste grupo inicial de enterramentos. As oferendas ali depositadas constituem portanto o marco cronológico para a fixação da data da construção deste túmulo de cúpula do Monte do Outeiro. As sepulturas do nível superior de enterramentos foram, sem dúvida alguma, abertas numa fase posterior.

O material do primeiro e mais antigo grupo de sepulturas era constituído por vasos sem decoração alguma, em forma de taça ou tigela e de copo, contando-se entre eles, como achado particularmente notável, um grande copo ricamente decorado com ornatos incisos, executados a sulco profundo e a pontilhado (*Est. IV*). Nessa decoração repetem-se os motivos dos ídolos eneolíticos, ou seja, representação de olhos circundados por uma coroa de raios e encimados por arcadas também radiadas; entre os dois olhos existe um sulco vertical, tendo junto à extremidade inferior um triângulo repleto de pontos, e de cada lado uma série de quatro arcos com a curvatura para baixo. Além desta decoração simbólica, o vaso é circundado por duas faixas, dentro das quais corre, por sua vez, uma tira em ziguezague, com os espaços triangulares livres cheios a pontilhado (1). Além destes achados, encontraram-se também três grandes lâminas de pedra e um poliedro de jaspe, com a forma esférica. Parte dos materiais deste primitivo grupo de sepulturas foi descrita na citada publicação dos exumadores do monumento, e na sua totalidade incluídos por Vera Leisner na sua obra sobre sepulturas megalíticas (2).

-
- (1) *Revista de Guimarães, loc. cit.* Est. III-V
Vera Leisner, *loc. cit.*, p. 151, est. 128, 1.
(2) Vera Leisner, *loc. cit.*, Est. 127-129.

As oferendas mortuárias pertencentes ao grupo de sepulturas do nível superior foram consideradas pelos seus descobridores de uma data relacionada com o final da Idade do Bronze, princípios da Idade do Ferro. Esses achados do grupo de sepulturas mais moderno não tinham sido ainda, até hoje, publicados, e por isso os damos a conhecer neste artigo ⁽¹⁾. Infelizmente não resta indicação alguma sobre quais deles constituíam, aos pares, o respectivo espólio de cada uma das sepulturas. Tais achados, que se guardam na Colecção dos Serviços Geológicos, em Lisboa, são agora aqui reproduzidos e catalogados como segue:

Estampa II.

Fig. a) — Vaso do tipo campaniforme, de superfície lisa, cor escura acinzentada e castanha clara; reconstituído pelos fragmentos; boca de forma cônica, com transição em curva para o corpo da vasilha, de bojo arredondado e fundo convexo, sem base para assento. Não tem decoração. Dimensões: alt. 12 cm.; abertura da boca 11,5 cm.; diâm. do bojo 10,7 cm.

Fig. d) — Vaso do tipo campaniforme, de superfície lisa, cor escura acinzentada; reconstituído pelos fragmentos; forma baixa com colo curto e levemente inclinado para o interior; corpo bojudo; fundo convexo, sem base para apoio. Sem ornato. Dimensões: alt. 10 cm.; boca 10,3 cm.; diâm. máx. 10,8 cm.

Fig. e) — Vaso com base para apoio; cor castanha avermelhada e castanha escura; grosseiramente arredondado; reconstituído pelos fragmentos; bordo apertado e quase perpendicular, com saliência em ombreira na transição para o bojo; fundo ligeiramente reentrante.

(1) Como chamássemos a atenção para este complexo, propondo a sua análise dentro do quadro dos achados da Idade do Bronze do Sul de Portugal, foi-nos pedido por O. da Veiga Ferreira para fazermos esse exame, cujo resultado, obtido pela observação dos diversos elementos, constitui a base deste artigo. Ao nosso amigo Veiga Ferreira agradecemos penhoradamente a sua ajuda, facilitando-nos os materiais para este estudo e sua publicação.

Sem decoração. Dimensões: alt. 12 cm.; boca 12,2 cm.; diâm. máx. 14,1 cm.; base 6,5 cm.

Fig. g) — Vaso com base para apoio; superfície castanha clara e castanha acinzentada; pasta escura acinzentada; conservado inteiro; bordo ligeiramente inclinado para dentro, quase vertical; saliência em carena, nitidamente marcada; corpo bojudo; base de apoio com o fundo ligeiramente reentrante. Sem decoração. Dimensões: alt. 12,4 cm.; boca 12,1 cm.; diâm. máx. 14,15 cm.; base 5,3 cm.

Fig. h) — Vaso com base para apoio; parede cónica; cor castanha avermelhada e cinzenta escura; reconstruído pelos fragmentos quase por completo; bordo levemente engrossado; base ligeiramente abaulada para fora; sem decoração. Dimensões: alt. 12,3 cm.; boca 15 cm.; base 8,9 cm.

Fig. i) — Vaso em forma de cilindro; cor castanha clara acinzentada; Restavam apenas alguns fragmentos, mas foi reconstituído no desenho; parede vertical; curva acentuada na transição da parede para a base fortemente abaulada para fora; sem decoração. Dimensões: alt. 15,9 cm.; abertura na boca 15,1 cm.; base 14,4 cm.

Fig. b) — Ponta de cobre, de folha curta e haste de encabamento relativamente comprida; bordos laterais em forma de espadela e haste de secção quadrangular. Dimensões: compr. total 9,5 cm.; larg. máx. 2,1 cm.; larg. da haste 6 mm. e 2,5 mm.

Fig. c) — Ponteiro de cobre, com a extremidade ligeiramente destruída; secção quadrangular. Dimensões: compr. 7 cm.; larg. 3 cm.

Fig. f) — Duas pontas de lança de ferro ligadas uma à outra pela ferrugem. Como se encontram fortemente oxidadas não pudemos conhecer qual a sua forma original, e falta-lhes a parte destinada ao encabamento. O corte transversal mostra, centrada, uma forte nervura longitudinal. Dimensões: comp. actuais respectivamente 14,5 e 13,6 cm.

Estampa III

Fig. a) — Taça de superfície castanha acinzentada e cinzenta escura; fractura cinzenta; composta de frag-

mentos, e apenas parcialmente reconstituída; bordo quase vertical; corpo bojudo, com o fundo quase horizontal. Sem decoração. Dimensões: alt. 6,7 cm.; abertura 18 cm.

Fig. b) — Taça cinzenta escura; bordo inclinado para fora, adelgado na extremidade; corpo arredondado; sem decoração. Dimensões: alt. 5,4 cm.; abertura 12,5 cm.

Fig. c) — Taça castanha clara e castanha acinzentada; intacta, apresentando apenas uma pequena falha no bordo; bordo ligeiramente rebaixado e inclinado para fora; corpo arredondado; sem decoração. Dimensões: alt. 5,2 cm.; abert. 14,4 cm.

Fig. d) — Taça de barro escuro acinzentado com manchas castanho-avermelhadas de barro friável; reconstituída pelos fragmentos, quase completamente; bordo inclinado para dentro; corpo bojudo; sem ornato. Dimensões: alt. 18,7 cm.; larg. máx. 20,2 cm.

Fig. e) — Tigela castanha clara acinzentada, em alguns sítios cinzenta escura; completa; bordo horizontal ligeiramente inclinado para dentro; corpo bojudo; sem ornamentação. Dimensões: alt. 8,3 cm.; larg. máx. 17,2 cm.

Fig. g) — Tigela castanha clara e castanha avermelhada, em alguns sítios manchada de preto; parede mais fina que a de todos os outros vasos; reconstituída pelos fragmentos, mas incompleta; bordo inclinado para dentro; corpo bojudo, quase inteiramente arredondado; levemente carenada; sem decoração. Dimensões: alt. 9 cm.; abert. 13,7 cm.; larg. máx. 15,8 cm.

Fig. h) — Tigela castanha clara e cinzenta, com manchas avermelhadas e pretas; reconstituída pelos fragmentos; bordo fortemente inclinado para dentro; corpo bojudo; sem decoração. Dimensões: alt. 9,2 cm.; abert. 13,5 cm.; larg. máx. 16,6 cm.

Fig. f) — Fragmento do bordo de uma taça castanha avermelhada e cinzenta, com a fractura castanha acinzentada; bordo fortemente inclinado para dentro, em forma de lábio; corpo arredondado; sem decoração. Dimensões: altura restante 4,8 cm.

De entre estes achados do nível superior de enterramentos atraem em primeiro lugar a nossa atenção

os objectos metálicos: uma ponta e um ponteiro de cobre e duas pontas de lança de ferro, não tendo ficado esclarecido se da mesma sepultura fazia parte a ponta ou o ponteiro. O achado das duas pontas de lança de ferro influiu fortemente nas tentativas feitas para se fixar a data de todo este complexo, e induziu a situá-lo no Bronze tardio ou na 1.^a Idade do Ferro. Contudo a conexão destes achados é extremamente inverosímil, se não impossível.

Com respeito à ponta de cobre, a espécie do metal não oferecia dúvidas. Porém, como outro tanto se não podia afirmar do ponteiro, foi este enviado por nós para análise, a qual, por intermédio do Prof. Sangmeister e Dr. Junghans, foi efectuada em Stuttgart pelo Dr. Schröder. O resultado dessa análise é aqui dado pela primeira vez:

(Análise n.º 16562)

Sn	Pb	As	Sb	Ag	Ni	Bi	An	Zn	Co	Fe
0	0	2,8	0	0,01	0	Vestí- gios	0	0	0	0

Ora, que uma ponta de cobre do tipo Palmela, um ponteiro de cobre arsenioso e duas pontas de lança de ferro pertençam a um mesmo espólio tumular não é afirmação fácil de aceitar. Só nos resta, portanto, para explicação deste estranho complexo de achados, considerado pelos seus exumadores como constituindo um todo, admitir que as pontas de lança de ferro fossem provenientes de um ou mais enterramentos posteriores, as quais através da parte superior destruída da abóbada tivessem sido colocadas no meio das jazidas do segundo grupo de enterramentos. Também essas pontas de lança poderiam provir de uma sepultura aberta em nível superior e terem descido para nível mais baixo, em virtude do seu próprio peso, ou como consequência do revolvimento do solo devido ao trânsito de animais, ou a quaisquer outras causas. De resto, enterramentos da Idade do Ferro em túmulos da Idade do Cobre não constituem de modo algum caso raro, como

se verificou, por exemplo, nas proximidades de Ourique ⁽¹⁾.

Considerando, portanto, as pontas de lança de ferro do grupo superior de jazidas como elementos muito mais modernos, surge a questão de se averiguar se acaso algum ou todos os vasos de barro, juntamente com aqueles objectos de ferro, devem colocar-se cronologicamente na Idade do Ferro. Ora, de harmonia com os nossos conhecimentos actuais acerca dos achados do Sul de Portugal correspondentes ao Bronze tardio e primeira Idade do Ferro, tal possibilidade tem de considerar-se posta de parte ⁽²⁾.

Devemos por isso recorrer a elementos contemporâneos destes vasos, de harmonia com a indicação que aliás os objectos achados nos fornecem. O ponteiro e a ponta de tipo Palmela constituem espécimes do final da Idade do Cobre, começos da Idade do Bronze, sendo objectos particularmente característicos do horizonte do vaso campaniforme ⁽³⁾. Por outro lado, na cerâmica do vaso campaniforme estão incluídas as formas de copo ⁽⁴⁾ e de vasos com base para apoio (*Est. II figs. e, g, h*). As taças ou tigelas, e suas variedades, são igualmente um fenómeno em geral típico da Idade do Cobre ⁽⁵⁾.

Os 14 vasos aqui descritos não dão portanto margem, de modo algum, a podermos atribuir-lhes uma data da Idade no Bronze tardia ou da 1.^a Idade do Ferro. A cerâmica, a ponta e o ponteiro de cobre indicam antes, segundo todas as probabilidades, para o grupo de enterramentos mais moderno uma data incluída no Encolítico,

(1) A. Viana, O. da Veiga Ferreira e R. Freire de Andrade, «Monumentos megalíticos dos arredores de Ourique», *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*, Lisboa 1957, vol. XXXVIII, pp. 409 ss.

V. Leisner, *loc. cit.*, p. 145 s. «Serro do Gatão» 1; p. 147 s. «Nora Velha.»

(2) H. Schubart, «Atalaia. Uma necrópole da Idade do Bronze no Baixo Alentejo», *Arquivo de Beja*, 1965, Vol. XXIII. Elementos museográficos e textos literários confirmam esta opinião.

(3) Vera Leisner, *loc. cit.*, p. 267 s., est. 182, especialmente o n.º 14.

(4) Cf. formas semelhantes em Vera Leisner, *loc. cit.*, entre outras a da est. 91, n.º 153.

(5) Vera Leisner, *loc. cit.*, *passim*.

isto é, na época em que foi construído o túmulo de falsa cúpula do Monte do Outeiro. Que entre a primeira ocupação do monumento e o grupo mais moderno de enterramentos seja evidente que uma espessa camada de terra se haja entreposto, tal facto pode ser atribuído a muitas circunstâncias exteriores. Como facto importante verifica-se, e merece fixar-se, que sobre um primeiro e mais antigo grupo de enterramentos se encontrava um outro mais moderno, e que ambos esses grupos pertencem à Idade do Cobre.

Em conclusão, o achado estratigráfico do Monte do Outeiro oferece-nos uma possibilidade de investigação cronológica: entre os objectos pertencentes ao grupo de enterramentos mais antigo, figura o copo, com sua rica ornamentação simbólica, correspondente ao ídolo de calcário decorado com desenhos muito semelhantes, do período da chamada «cerâmica importada» (*Importkeramik*) de Vila Nova de S. Pedro-I (fase III de Leisner). Ao lado deste copo havia taças sem ornamentação alguma e três grandes lâminas de pedra. Contrastando com este conjunto, continha o grupo de enterramentos mais moderno dois vasos do tipo campaniforme, dois com base de apoio ligeiramente encurvada para dentro (*Est. II — Figs. e, g*), típicos do campaniforme-Rückstrom, dois vasos de parede direita e com base para apoio, e uma ponta de cobre do tipo Palmela tardio, espólio este de expressão que corresponde ao horizonte do vaso campaniforme (Vila Nova de S. Pedro-II, fase IV de Leisner).

A estratigrafia do túmulo de falsa cúpula do Monte do Outeiro confirma assim os resultados obtidos, e em parte reconstituídos, em Vila Nova de S. Pedro ⁽¹⁾, bem como a divisão simultaneamente encontrada através da estatística dos espólios tumulares dos dois citados horizontes ou fases ⁽²⁾. As escavações do ano de 1964 na estação da Idade do Cobre de Zambujal, nos arredores de Torres Vedras, conduziram igualmente a um resultado estratigráfico, que tornou possível a separação da

⁽¹⁾ A. do Paço e E. Sangmeister, *Germania*, 1956, vol. 34, p. 223 s.

⁽²⁾ Vera Leisner, *loc. cit.*, pp. 200 ss., especialmente 276 ss.

fase mais antiga do «horizonte-importação», da fase mais moderna do vaso campaniforme (1).

A composição do espólio mais recente do Monte do Outeiro apresenta também um particular interesse ligado ao facto de na região do Baixo Alentejo se não terem obtido até hoje achados bem nítidos de vasos campaniformes. Verifica-se que igualmente aqui apareceram vasos campaniformes de perfis menos característicos. Um paralelismo completo entre a Cultura do vaso campaniforme e a Cultura autêntica da Idade do Bronze do grupo de Atalaia não pode por consequência ter existido (2).

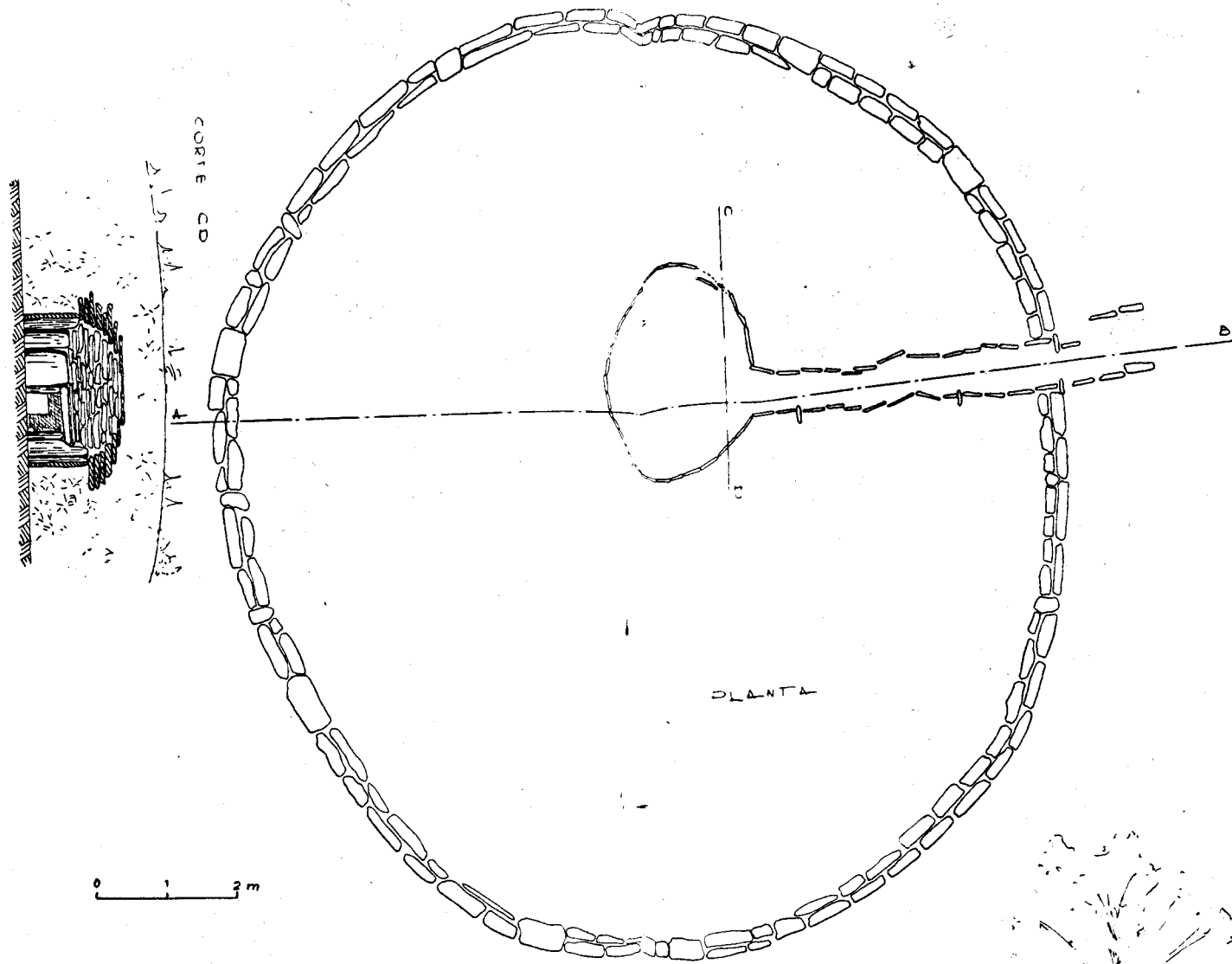
A população à qual devemos atribuir os enterramentos do segundo grupo do Monte do Outeiro teria vivido portanto em estreita ligação tradicional com a Cultura dos túmulos de cúpula mais antigos, fenómeno idêntico ao que pode reconhecer-se igualmente nas regiões dos dois lados do Tejo (3). Só com a adopção do túmulo individual, como se verifica nos campos de túmulos de Atalaia findou a tradição dos túmulos de cúpula (4). Mas, de quando em quando, em casos isolados, aparecem de novo ocupados na Idade do Ferro os antigos túmulos de cúpula.

(1) E. Sangmeister e H. Schubart, *Madri der Mitteilungen* 6, 1965. No prelo.

(2) Não obstante, é possível o achado de vasos campaniformes mais tardios paralelamente na região do curso inferior do Tejo e no grupo de Atalaia.

(3) Vera Leisner, *loc. cit.*, *passim*.

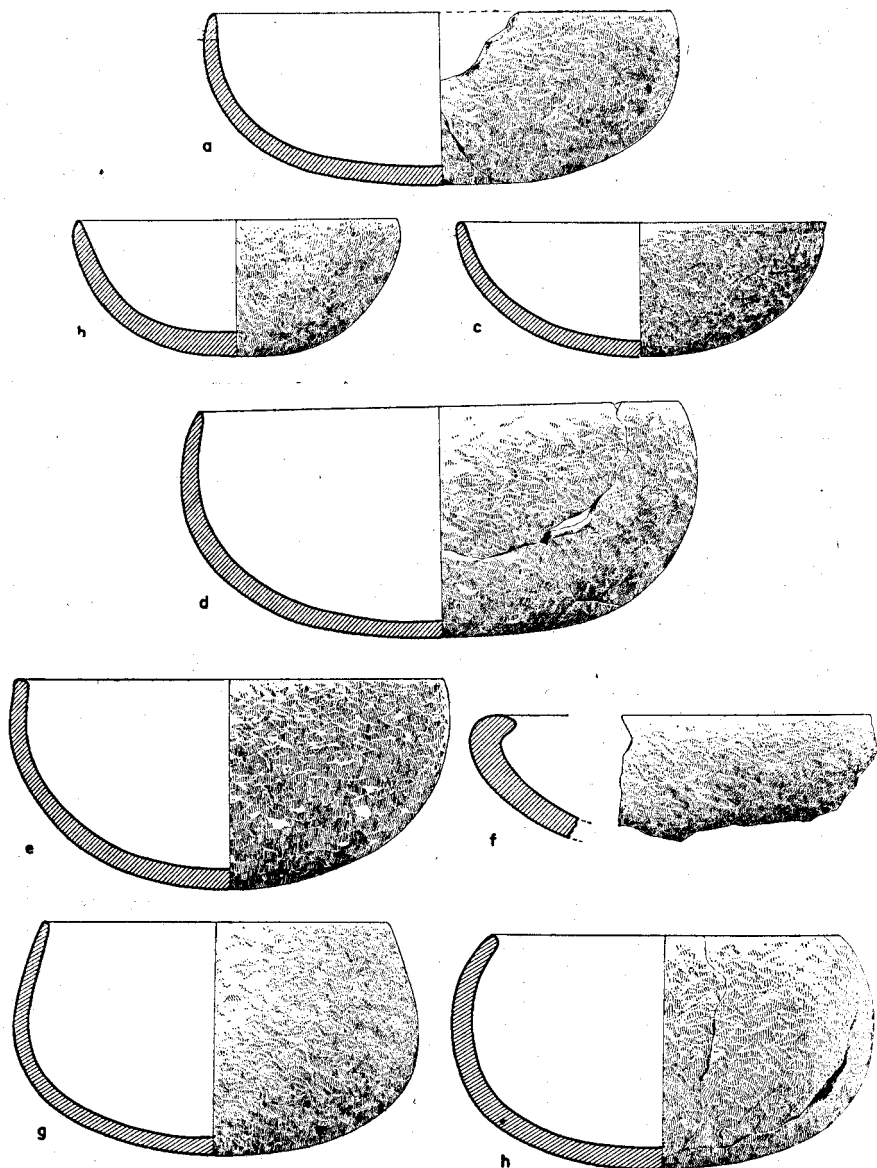
(4) H. Schubart, *loc. cit.*, na nota 7.



CORTE A-B



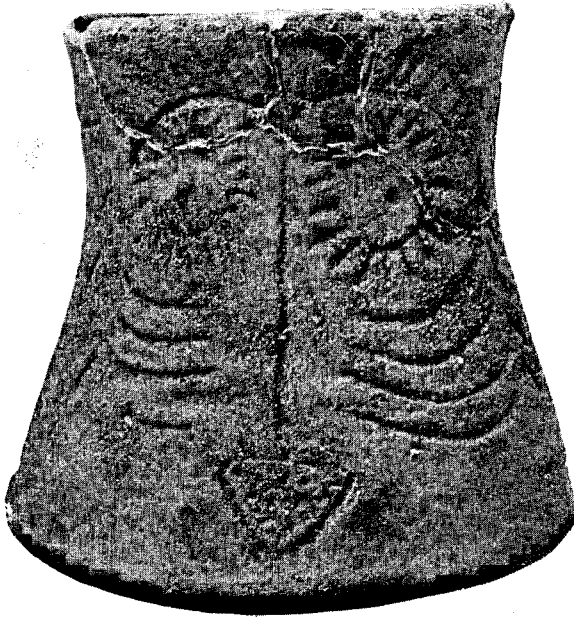
EST. III



a)-h) — Vasos do estrato superior do monumento do Monte do Outeiro.

(Des. de Viñas)

(1/3 do tam. nat.)



Dois aspectos do vaso decorado pertencente à primeira fase da ocupação do túmulo de cúpula do Monte do Outeiro.

Est. V



1 e 3—Vasos do estrato superior do monumento do Monte do Outeiro.
2—Duas pontas de lança de ferro do mesmo estrato, ligadas
pela ferrugem.

(Fot. de O. da Veiga Ferreira).

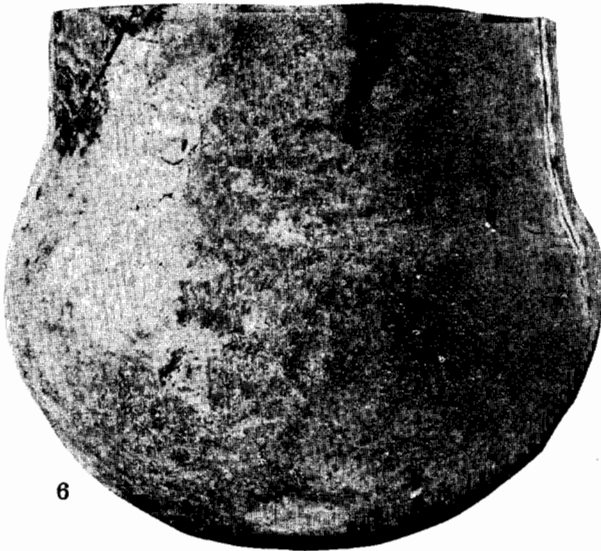
(1/2 do tam. nat. aprox.).



4



5



6

4 e 6 — Vasos do estrato superior do monumento do Monte do Outeiro.
5 — Ponta de cobre de tipo Palmela do mesmo estrato.

(Fot. de O. da Veiga Ferreira).

(Aprox. $\frac{1}{2}$ do tam. nat.).